

**A escrita teresiana, a alma esponsal e o amado:
apontamentos sobre os conceitos místicos e a dissonância com a impureza erótica**

Alan Marques de Pinho*

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo discutir a narrativa teresiana, a consolidação dos seus conceitos místicos juntamente com o uso de palavras específicas que caracterizam sua escrita. Santa Teresa d'Ávila constituiu através de suas obras uma nova forma de relacionar-se com o divino por meio da mística. A religiosa estrutura uma linguagem esponsal fazendo uso de termos bem característicos em sua escrita para sistematizar seus conceitos místicos, os quais, por vezes, são confundidos com uma narrativa dotada de um certo erotismo, questão esta que será debatida ao longo do texto. Dessa forma, o presente artigo busca analisar a escrita teresiana com a consolidação de uma linguagem esponsal e debater a dissonância desta escrita religiosa com uma escrita erótica e impura.

Palavras-chave: Erotismo. Experiência mística. Linguagem esponsal. Santa Teresa d'Ávila.

Considerações iniciais

Durante os séculos XVI e XVII, surgiram diversos santos místicos na Igreja católica, cada um destes personagens com sua orientação e decorrente ensinamento espiritual, dentre eles, santos como São Pedro de Alcântara que ajudou Santa Teresa com zelo infatigável no estabelecimento da reforma do Carmelo e de direcionamentos espirituais (ALCÂNTARA, 2013), São João da Cruz o “companheiro de Santa Teresa” com sua autoridade desde o processo de beatificação em 1613 (CERTEAU, 2015) e a ilustríssima Santa Teresa d'Ávila, a qual será nosso objeto de pesquisa. Esses mestres espirituais, dentre outros, são os responsáveis pela renovação espiritual na Europa Moderna - juntamente das propostas da Reforma Católica -, constituindo por sua vez a elaboração de uma nova maneira de se comunicar com o sagrado através da mística. Tomando como base as contribuições de Michel de Certeau, como seria possível materializar uma linguagem específica que o próprio Deus funda através do seu Espírito? Como resultado, o historiador aponta:

A questão de um *modus loquendi* (Lessius), de ‘uma maneira de falar’ (Ana de Jesús) mobiliza a reflexão dos ‘místicos’ durante a primeira metade do século XVII, e ela tende a definir o *status* de um discurso ou de uma ciência própria que será designada por um substantivo novo, a mística (CERTEAU, 2015, p. 189).

* Licenciado (2022) em História pelo Centro de Teologia e Humanidades da Universidade Católica de Petrópolis (CTH-UCP). Pós-graduando em História das Religiões (Cruzeiro do Sul). E-mail: alanmarques075@gmail.com

Retornando ao período renascentista do século XVI, na cidade de Ávila, na Espanha, vivia Teresa de Jesus ou Santa Teresa d'Ávila, sem dúvidas uma das maiores mulheres do século e da história da Igreja Católica. A religiosa deixou como herança diversas obras espirituais, principalmente para as suas irmãs carmelitas como forma de ensinamento religioso, contudo, ao debruçarmo-nos em seus escritos observamos uma narrativa que nos leva a um certo fascínio, uma força que nos prende a atenção junto de uma série de questionamentos, gerando até sensações de estranheza para os leitores desavisados. Teresa utiliza de uma linguagem esponsal específica, oriunda da “maneira de falar” que encontra para descrever essas experiências místicas, a qual desfruta de termos — aos olhos literários — sensuais como “gozo”, “deleite” e “voo suave”, gerando um certo espanto aos indivíduos que se deparam com suas obras, sendo este o principal motivo da estranheza e fascínio dos leitores.

O presente artigo tem como objetivo discutir a escrita teresiana definindo, em um primeiro momento, o uso do eu lírico esponsal e especificando a linguagem que a religiosa utiliza em todas as suas obras. Posteriormente, analisamos o momento do êxtase de Santa Teresa e a possível confusão entre espiritualidade e erotismo na relação que ela estabelece entre o humano e o divino. Por fim, apresentamos a dissonância da mística de Santa Teresa D'Ávila com a impureza erótica, além da sua aproximação com uma espécie de erotismo de outra ordem.

Teresa e o eu lírico esponsal: poetisa, escritora, mística e santa

Teresa Sanchez de Cepeda y Ahumada, Teresa de Jesus ou Santa Teresa D'Ávila, nascida em Ávila na Espanha em 1515, escritora, poetisa e cofundadora da ordem das Carmelitas Descalças, foi canonizada pela Igreja Católica em 1662 e reconhecida, pela mesma instituição, como Doutora da Igreja em 1970 (CHECHINEL, 2015). Ela deixou como herança diversos escritos de gênero espiritual como fruto de sua vida de oração ativa e de seu contato místico com o divino. Sendo por vezes perseguida por conta das suas experiências sobrenaturais, Teresa abandonou nas mãos da Igreja, orientada pelo seu diretor espiritual padre García de Toledo, as ações sobre seus textos e a consolidação ou não da teologia mística e espiritual estruturada por ela.

Dentro da historicidade do século XVI, período no qual nossa personagem nasceu, observa-se uma credibilidade muito maior aos homens letrados e formuladores de conceitos teológicos do que às mulheres que estavam sobrepostas à vontade masculina, além disso, o medo dos homens perante ao “mistério” que emana das mulheres, além da sua decorrente acusação e marginalização, faz da mulher um santuário do estranho (DELUMEAU, 1989), gerando a posteriori uma série de perseguições e associações do feminino com a devassidão, pecado e trabalhos diabólicos. Dessa

maneira, as mulheres acabam sendo vistas como indivíduos com maior proximidade ao reino carnal e passíveis de corrupção em comparação com o homem, “apolíneo e racional, por oposição à mulher, dionisíaca e instintiva, mais invadida que ele pela obscuridade” (DELUMEAU, 1989, p. 464). Consequentemente, bem pormenoriza Franciele Chechinel:

A natureza masculina, considerada mais próxima do reino espiritual, era também dotada do poder de ser ativa no mundo e nos relacionamentos com o outro sexo; enquanto a natureza feminina, considerada espiritualmente volúvel, era associada ao reino carnal. (CHECHINEL, 2015, p. 11).

Embora Teresa vivenciasse um momento hostil quanto a sua liberdade de expressão e a divulgação dos relatos de suas experiências místicas, sua escrita e publicação causou um impacto notável no século XVI, sendo também dignas de nota sua importância e influência nos séculos seguintes e sua reverberação até a contemporaneidade. Quanto às suas obras relevantes e dotadas de profundidade mística temos: **Livro da vida** (1588), **Caminho de perfeição** (1583) e **Castelo interior ou moradas** (1588). Todos esses escritos, junto dos seus poemas e suas reflexões sobre o Cântico dos Cânticos, são de caráter religioso e espiritual, consequentemente, compostos por uma linguagem esponsal. Teresa d'Ávila a todo o momento faz uso do eu lírico esponsal e, colocando-se na posição de esposa de Cristo, se vê como aquela que é conduzida até o amado. Através dessa afirmação e tomando como base especificamente os escritos de Teresa no **Caminho de perfeição** (1583) e alguns de seus poemas, torna-se possível estruturar a tese do casamento com o divino esposo e o gozo de estar em sua presença, exatamente como uma noiva à espera do seu noivo.

Na obra em questão, Teresa estrutura uma verdadeira pedagogia de santidade, alertando as monjas quanto a sua conduta, sua vida espiritual e o ato de despojar-se do mundo para ser a noiva de Cristo. Tal texto é o segundo, em ordem de escrita, na tríade de suas obras mais importantes. Observa-se uma escritora mais madura e objetiva quanto à formação de suas leitoras, no caso, as monjas do Carmelo, dando-lhes orientações e construindo exatamente um caminho até a perfeição na vida cristã, primeiramente perpassando pela vida de oração — como se deve rezar junto da definição de alguns tipos de oração — até o encontro de forma perfeita com o amado — o qual, *a posteriori*, Santa Teresa expressa de forma mais completa em outra obra, com o suprassumo conceitual das Sete Moradas do Castelo Interior. Tratando especificamente da estruturação de uma identidade esponsal, é notável o apelo a esta posição de esposa logo no início da obra, mais especificamente no capítulo II:

Nunca pretendais sustentar-vos por artifícios humanos, que morrereis de fome, e com razão. Os olhos em vosso Esposo! Ele vos há de sustentar. Contente Ele de vós, aqueles mesmos que vos forem menos dedicados, ainda que não queiram, vos darão de comer, como tendes visto por experiência. (ÁVILA, 2014, p. 19).

Teresa apresenta a forma a qual tais irmãs devem viver, descuidando das necessidades corporais e mundanas e fixando seus olhos no seu Esposo, que Ele, contentando-se de suas noivas, vos dará o sustento espiritual. Constituindo a identidade de esposas de Cristo e afirmando sua missão de entregar-se a ele, tem-se o exemplo que a santa expressa no capítulo XXII:

Pois assim é, filhas, razão será que procuremos deleitar-nos nessas grandezas de nosso Esposo, vendo com quem estamos desposadas e que vida devemos levar com Ele. Oh! valha-me Deus! Aqui na terra, quando alguém se casa, antes de tudo trata de indagar quem é o noivo, quais suas qualidades e seus haveres; e nós, já desposadas, não pensaremos em nosso Esposo, antes do dia das bodas, em que nos há de levar à sua casa? (ÁVILA, 2014, p. 138).

Dessa forma, a religiosa compara sua vida espiritual com Deus com uma vida matrimonial de uma mulher com um noivo. Para Santa Teresa, a divindade de Deus se apresenta como um Esposo o qual a pega como sua noiva e a conduz às experiências mais profundas no âmbito místico. Teresa utiliza dessa linguagem sponsal e usufrui de termos bem característicos como deleite, gozo, regalos e desfalecimento, para caracterizar os momentos com o seu Amado e as mercês que lhe faz. Ao decorrer deste caminho em busca da perfeição, as esposas de Cristo buscam aumentar sua intimidade com ele, começando uma vida de oração com uma determinada determinação¹ (ÁVILA, 2014), dedicando o tempo necessário de encontro com seu noivo, gozando dos benefícios que ele lhes dará e retribuindo com uma total entrega — exatamente como o estereótipo de esposa na historicidade de Teresa. Consequentemente, a religiosa através desta pedagogia, estabelece a identidade de esposa a quem segue este caminho espiritual, sendo esta a base do seu pensamento e da escrita de todos os seus textos.

À vista disso, através da análise de alguns de seus poemas, nota-se o uso efetivo do eu lírico sponsal. A materialização de todo este ensinamento espiritual que Teresa transcorre em seus textos se dá nestes poemas, os quais são dotados de uma linguagem amorosa e do apelo à relação matrimonial entre a alma e Deus. Consequentemente, observamos dois apontamentos primordiais para justificar esta relação matrimonial estabelecida por Teresa e o uso do eu lírico sponsal: o primeiro consiste na especificidade do conceito de amor usado pela santa e a expressão dele na relação entre criador e criatura, e o segundo é, enfim, a tese do casamento divino da alma com Deus.

¹ Termo utilizado pela Santa como a decisão de entrega perfeita a Deus e o conceito chave para o início de uma vida de oração.

Primeiramente para ilustrar esse amor específico vivenciado por Teresa, apresenta-se este poema abaixo, “Colóquio de amor”²:

Coloquio de amor

*Si el amor que me tenéis,
Dios mío, es como el que os tengo,
Decidme: ¿en qué me detengo?
O Vos, ¿en qué os detenéis?
-Alma, ¿qué quieres de mí?
-Dios mío, no más que verte.
-Y ¿qué temes más de ti?
-Lo que más temo es perderte.*

*Un amor que ocupe os pido,
Dios mío, mi alma os tenga,
para hacer un dulce nido
adonde más la convenga*

*Un alma en Dios escondida
¿qué tiene que desear,
sino amar y más amar,
y en amor toda escondida
tornarte de nuevo a amar?*

Nesse poema observa-se o sentimento entre a alma esposa e seu esposo, um amor caracterizado pelo desejo existente entre os dois sujeitos expresso no diálogo que Teresa descreve entre a alma e Deus. As expressões possessivas como *Dios mío*, ou questionamentos como *Alma, ¿qué quieres de mí?* ditam o desenrolar deste amor entre ambos. O título do poema *Colóquio de Amor* já propõe uma conversa entre dois indivíduos sobre o tema central abordado (RODRIGUES, 2019). Essa comunicação divina e humana para os místicos designa um ato focalizado em tratados, orações e poemas, desta forma a palavra em latim *colloquium* significa na espiritualidade uma oração e troca oral (CERTÉAU, 2015) e neste caso, uma troca entre a santa e Deus através da temática do amor. Por conseguinte, a poetisa utiliza do seu atrevimento característico para narrar tal diálogo entre humano e divino. No diálogo em questão, os dois amantes se desejam e nutrem sentimentos um pelo outro, ora o divino esposo pergunta à alma o que ela deseja dele, ora a alma declara o seu sentimento por Deus, temendo ficar longe do seu amor, desejando, a todo momento, que a preencha e criando um *dulce nido* para saborear as delícias desse amor. Diante deste colóquio amoroso, André Cássio dos Santos Rodrigues aponta:

² JESUS, 1941, p. 61 *apud* RODRIGUES, 2019, p. 35.

En las dos partes de la conversación, el amado y la amante, es perceptible, que recíprocamente tienen los mismos sentimientos, declaran sus ardores amorosos y quieren sellar su compromiso. El sentimiento y las ganas de entregarse, existentes entre los amantes, convierten el amor en un sentimiento totalizante, necesario y suficiente. (RODRIGUES, 2019, p. 36)³.

Desta forma, é perceptível o uso do eu lírico esponsal na medida que a alma busca à Deus declarando o seu amor, e este se dá por ela dando-lhe as delícias deste sentimento que a invade por completo, logo, ambos se entregam mutuamente nesta relação amorosa que remete ao amor esponsal ao se disporem um ao outro. Como afirma Maria Graciele de Lima:

Este tipo de amor cantado na poesia de Teresa de Ávila assemelha-se, muito mais do que ao amor filial ou fraternal, ao amor esponsal. É uma referência à escolha da alma humana em ‘casar-se’ com o ente espiritual, o divino esposo. Para constatar essas afirmações, apesar de não ser diretamente expresso no poema, o colóquio amoroso que se trava demonstra que ambos se querem e dispõem-se um ao outro. (LIMA, 2015, p. 108 *apud* RODRIGUES, 2019, p. 36).

Tratando agora especificamente sobre a tese do matrimônio divino, discute-se o poema a seguir “En una profesión”:

En una profesión⁴

*¡Oh qué bien tan sin segundo!
¡oh casamiento sagrado!
Que el Rey de la Majestad,
haya sido el desposado.*

*¡Oh qué venturosa suerte,
os estaba aparejada,
que os quiere Dios por amada,
y ha os ganado con su muerte!
En servirle estad muy fuerte,
pues que lo habéis profesado,
que el Rey de la Majestad,
es ya vuestro desposado.*

*Ricas joyas os dará
este Esposo Rey del cielo.
Daros ha mucho consuelo,
que nadie os lo quitará.
Y sobre todo os dará
un espíritu humillado.
Es Rey y bien lo podrá,
pues quiere hoy ser desposado.*

³ Nas duas partes da conversa, o amado e o amante, é perceptível que eles têm os mesmos sentimentos um pelo outro, declaram seu ardor amoroso e querem selar seu compromisso. O sentimento e o desejo de entrega, existentes entre os amantes, fazem do amor um sentimento totalizante, necessário e suficiente. (Tradução dos editores da revista).

⁴ JESUS, 1941, p. 49 *apud* RODRIGUES, 2019, p. 40.

*Mas os dará este Señor
un amor tan santo y puro,
que podréis, yo os lo aseguro,
perder al mundo el temor,
y al demonio muy mejor,
porque hoy queda maniatado;
que el Rey de la Majestad,
ha sido hoy el desposado.*

Nessa poesia, Teresa expressa a alegria da alma em ter o Rei da Majestade como seu esposo; termos como *casamiento sagrado*, *Esposo Rey del cielo* e *vuestro desposado* caracterizam essa relação matrimonial de Deus com a alma. Segundo Rodrigues:

El campo semántico presente en el texto poético expone el relacionamiento, en especial el noviazgo y la boda, se manifestando en las palabras casamiento, desposado, amada, esposo y amor. También hay en el campo semántico los regalos mostrados por el verbo dar, y por las palabras y expresiones ricas joyas, consuelo, espíritu humillado, amor santo y puro. El Yo poético está representando alguna monja que habla con otra, alguna futura profesa, prestes a hacer sus votos, especulando y orientándole acerca de los contentamientos del matrimonio espiritual. (RODRIGUES, 2019, p. 42)⁵.

A partir dessa percepção de preparação para um casamento, contempla-se o suprasumo da tese sponsal da religiosa, pois, de forma clara, precisa e direta, a santa refere-se a Deus como seu esposo, o qual deseja se casar com a alma e lhe oferece um amor santo, puro e de doação, o amor ágape em essência, entendido como o amor incondicional, genuíno e de doação. Diante de tão grande mercê, resta para alma o serviço para com o seu esposo, além de humilhar-se, como sinônimo de humildade, para gozar de melhores mercês com seu noivo (ÁVILA, 2014). Dessa maneira, Teresa expressa, nessa poesia, o modo como as monjas devem relacionar-se com Deus, através da humildade e da entrega total, recorrendo a Ele como seu esposo após a concretização dos seus votos religiosos e, conseqüentemente, a preparação para esse casamento divino.

Em suma, Santa Teresa D'Ávila inaugura um novo método de relacionar-se com o divino por meio da mística, estabelecendo uma relação sponsal entre o divino e o humano através da maneira como a alma expressa seu amor por Deus e este lhe retribui com seus tesouros celestiais, principalmente nos momentos espirituais da alma com seu noivo, dando-lhes instantes de deleite e gozo através dessa união matrimonial. Sobre esses momentos de oração, a religiosa revela que “acontece como um casal: se os esposos se amam, a vontade de um é a do outro; mas se são

⁵ O campo semântico presente no texto poético expõe o relacionamento, principalmente namoro e casamento, manifestando-se nas palavras casamento, noivo, amado, marido e amor. Também estão no campo semântico as dádivas expressas pelo verbo dar, e pelas palavras e expressões ricas joias, consolação, espírito humilde, amor santo e puro. O eu poético está representando uma freira que conversa com outra, alguma futura profesa, pronta para fazer seus votos, especulando e orientando-a sobre as alegrias do casamento espiritual. (Tradução dos editores da revista).

malcasados, já se vê o quanto o marido desassossega a mulher” (ÁVILA, 2014, p. 183), desta forma, basta a alma entregar-se ao seu esposo, sossegando a sua vontade e seu entendimento, que Ele lhe dará o gozo nos momentos místicos e esponsais tão esperados e valorizados nas obras de Teresa, os quais discorreremos um pouco a seguir.

O êxtase de santa Teresa: da dor espiritual ao gozo

O caminho espiritual e místico de Teresa foi marcado pelos momentos de oração onde a religiosa se encontrava com o seu noivo e experimentava os prazeres celestiais que este esposo lhe concedia, por vezes gerando uma espécie de arroubamento (ÁVILA, 2014), um desfalecimento ou uma perda momentânea de sua força física acompanhado de um prazer imensurável, o qual em alguns momentos, junto de uma certa dor espiritual, a santa exclamava: “algumas vezes desejo morrer” (D’ÁVILA, 2014, p. 183). Desta forma, estando a alma assim buscando a Deus, sente dentro de si um enorme e suave deleite, quase desfalecendo-se toda como um desmaio (ÁVILA, 2014). Nesse desmaio, a alma perde suas forças corporais, seus sentidos e potências se confundem, e o sobrenatural sobrepõe o natural, qualquer movimento físico demanda muito esforço para a religiosa. Esse arroubamento era, no entanto, a experiência mística que fazia com que Teresa, por vezes, desejasse a morte para encontrar com seu esposo em outro plano espiritual, exclamando: “*Vivo sin vivir en mí, y en tan alta vida espero, que muero porque no muero.*”⁶ (ÁVILA, 1941 *apud* RODRIGUES, 2019, p. 46). De acordo com Chechinél (2015, p. 19):

Nos encontros com seu ‘noivo’, Teresa perdia o poder sobre o seu corpo, assim como acontecia com as noivas entregues a um noivo de carne e osso. Entretanto, sua ‘dissolução’ — como ser humano descontínuo — lhe proporcionava prazeres especiais que ela gozava independentemente das leis misóginas da sociedade.

Nesses encontros espirituais, Teresa canalizava todos os seus impulsos de um ser humano descontínuo (CHEICHINEL, 2015) e dotado de incompletudes na presença de Deus, os quais resultaram em ápices de prazer e desfalecimentos, em que os sentidos se confundiam e falhavam continuamente diante da presença de seu Amado, contemplando uma nova experiência mística e pessoal. Justamente nesses momentos com seu noivo, a santa caracteriza as sensações experimentadas como uma perda dos sentidos e como um desfalecimento em que tanto a alma quanto o corpo tem a sua contribuição.

⁶ “Vivo sem viver em mim, e em tão elevada vida espero, que morro porque não morro.” (Tradução dos editores).

No que tange ao fenômeno da falha dos sentidos, faz-se necessário um retorno à teologia escolástica de São Tomás de Aquino, mais precisamente a sua composição dedicada ao Santíssimo Sacramento a pedido do Papa Urbano IV no século XIII (GOURMONT, 1917), o hino **Pange Lingua**. Destacando o verso “Praestet fides supplementum Sensuum defectui” (AQUINO *apud* GOURMONT, 1917, p. 5), compreende-se que quando um sujeito fica diante desse sacramento — que é a graça por excelência, o próprio Cristo que se faz presente corporalmente em um pão — depara-se com a grandeza deste mistério, não conseguindo prosseguir com o entendimento, pois está diante de um pedaço de pão o qual é o próprio Deus, conseqüentemente, os sentidos tendem a falhar, a compreensão se torna impossível diante desse mistério de fé. A visão se confunde, pois se vê apenas um alimento, contudo, a natureza foi mudada na transubstanciação, antes pão, agora *Gloriosi Corporis* de Deus Filho; o paladar sente o gosto de pão, mas sabe que é o Corpo de Cristo; os sentidos falham, pois, são limitados à experiência humana e terrena. Por conta deste *Sensuum defectui*, a fé se torna *supplementum*, a certeza de que a natureza é divina e não humana fornece um suplemento para essa falha de sentidos, ajudando a vivenciar este mistério. Entendemos que existe uma falha nos sentidos humanos ao se deparar com esta hierofania suprema, a visão e o paladar concebem o objeto como fruto da natureza profana, neste caso, como pão, porém a interferência divina concede a este objeto um caráter sagrado de corpo do próprio Deus. À vista disso, eis a edificação de um objeto de duas naturezas distintas, “a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo natural, profano” (ELIADE, 1992, p. 13).

Ora, se o **Doctor Angelicus** exprime a falta de sentidos diante do próprio Deus que se faz pão no Santíssimo Sacramento, dialogando com a mística de Teresa d’Ávila, compreendemos que ao estar diante da divindade de Deus — de forma mística e espiritual acessada na oração — a santa, por vezes, também experimenta esta falta de sentidos. Durante os arroubamentos que sua alma sofria, a religiosa “quase não sentia tocar com os pés no chão, pois o corpo, quando arroubado, fica muitas vezes como morto” (ÁVILA, 2014, p. 179), permanecendo imóvel na posição que sofrera o arroubamento seja com as mãos abertas ou fechadas, sentada ou deitada e, de certa forma, perdendo os sentidos, como Teresa descreve: “É raro perder os sentidos. Tem-me acontecido perdê-los inteiramente, mas poucas vezes e por pouco tempo.” (ÁVILA, 2014, p. 179). Portanto, nesses momentos espirituais, a religiosa não consegue prosseguir com o entendimento e orienta a quem passa por experiências parecidas a não prosseguir com a compreensão racional, apenas fortalecer a sua fé — como suplemento — para completar as sensações que seu Amado lhe permite experimentar.

Discorrendo agora sobre a participação da alma junto do corpo nesses encontros espirituais, para uma maior exemplificação e análise, tomemos como base o fenômeno da transverberação experienciado pela santa e representado na obra de Gian Lorenzo Bernini “O Êxtase da Santa Teresa” (1647–1652):

Imagem 1 – O êxtase de Santa Teresa⁷



Fonte: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/extase-de-santa-teresa/>

O êxtase⁸ de Santa Teresa é um dos fenômenos místicos mais grandiosos na misticidade cristã e com reverberações para além do âmbito religioso, por vezes representado e interpretado como um acontecimento de cunho erótico e sensual, principalmente pela representação artística de Bernini. Na obra em questão, percebe-se a posição esponsal de Teresa — propositalmente pairando sobre o ar,

⁷ “Mármore, 350 x 138 cm, Gian Lorenzo Bernini, Igreja Santa Maria della Viitoria, Roma, Itália”. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/extase-de-santa-teresa/>. Acesso em: 3 ago. 2022.

⁸ Teresa conceitua êxtase com o mesmo significado de arroubamento, elevação ou voo do espírito. “Quero dizer que estes diferentes nomes designam uma só coisa, que também se chama êxtase” (D’ÁVILA, 2014, p. 171).

como se estivesse sendo segurada por um esposo — e sua feição de alguém que está padecendo de prazer, não sustentando suas forças físicas, além da presença de um ser angélico, o qual utiliza um dardo para transpassar seu coração, gerando uma dor que se traduz em prazer e gozo. Tal obra é a representação direta do fenômeno descrito por Teresa no capítulo XXIX do **Livro da vida**, quando teve uma visão sobrenatural de um anjo ao seu lado esquerdo:

Nesta visão quis assim o Senhor que assim o visse: não era grande, senão pequeno, formosíssimo, o rosto tão incendiado que parecia dos anjos muito próximos de Deus que parecem abrasar-se de todos [...] Via-lhe nas mãos um comprido dardo de ouro e, na ponta de ferro, julguei haver um pouco de fogo. Parecia-me meter-mo pelo coração algumas vezes, de modo que chegava às entranhas. Ao tirá-lo, tinha eu a impressão de que as levava consigo, deixando-me toda abrasada em grande amor de Deus. Era tão intensa a dor, que me fazia dar os gemidos de que falei; e tão excessiva suavidade vem gerada dessa dor grandíssima, que não há desejar que se tire, nem se contenta a alma com menos do que com Deus. Não é dor corporal senão espiritual, ainda que o corpo não deixe de ter a sua parte, e até bem grande. É um trato de amor tão suave entre a alma e Deus, que suplico à sua bondade o dê a provar a quem pensar que minto. (ÁVILA, 2014, p. 274).

O fenômeno místico descrito é dotado de uma linguagem espiritual específica da santa: essa grandíssima dor junto da excessiva suavidade e da passividade da alma diante de tal acontecimento caracteriza as sensações da alma e do corpo nesse êxtase, o qual gerava um voo suave e deleitoso. Essa espécie de desfalecimento atinge o sujeito tanto interiormente quanto exteriormente. Segundo Teresa, a alma “apenas tem certeza de que está no reino e sente-se penetrada de tal reverência” e o homem exterior, “o corpo não quisera mexer-se” (ÁVILA, 2014, p. 180). Desde jovem Teresa queria gozar “dos grandes bens do céu”, interessando-lhe saber que os castigos assim como as recompensas podiam durar para sempre, “um para sempre, para sempre, para sempre”, e encontra neste êxtase espiritual o gozo místico que precede as delícias do seu “para sempre”, ou seja, do seu desejo de alcançar a eternidade em Deus (CAVALINI; TELLES, 2018).

Embora a obra de Gian Lorenzo Bernini apresente faces de certo erotismo e abra possibilidade a possíveis interpretações sobre alguns elementos sensuais nas obras da carmelita, a sensualidade erótica exacerbada da obra de arte em questão não necessariamente condiz com o arcabouço conceitual de Teresa, pois ela afastava-se do erótico impuro e direcionava seu impulso *eros*⁹ como o de um ser descontínuo até a eternidade de Deus — seguindo a lógica de Santo Agostinho, o qual define *eros* como a força que impele para Deus (MAY, 1973). Teresa D’Ávila deposita em Deus os

⁹ Entendendo *eros* a partir da percepção de Rollo May (1973, p. 81): “Eros é o que nos impele à união com aquilo a que pertencemos.”

seus impulsos, desejos, potências e vontades, afastando-se da natureza impura e luxuriosa e aproximando-se do amor puro, genuíno e casto.

Desta forma, na incapacidade de explicar as sensações vivenciadas com o seu esposo celestial, a sua abordagem lexical assume “formas físicas, relativas a uma capacidade simbólica do corpo.” (CERTEAU, 2015, p. 4). Acerca da participação do corpo na espiritualidade mística e desta necessidade de explicar através da linguagem erótica sagrada, Certeau aponta:

Ela acaricia, ela machuca, ela aumenta a gama das percepções, ela atinge seu extremo, que ela excede. Ela ‘fala’ cada vez menos. Ela se traça em mensagens elegíveis num corpo transformado em emblema ou memorial gravado pelas dores de amor. A palavra deixada fora desse corpo, escrita mais indecifrável, para o qual um discurso erótico se coloca doravante em busca de palavras e de imagens. (CERTEAU, 2015, p. 4).

A presença de certo erotismo nas obras da religiosa, em síntese, permite que a escrita teresiana seja associada a um erotismo vulgar através do olhar puramente literário, pois, observando a escolha de palavras e, conseqüentemente, a expressão da santa, é perceptível uma confusão entre o espiritual e o erótico. Porém, a religiosa repreende qualquer interpretação libertina e devassa sobre a espiritualidade e os escritos bíblicos, portanto, faz-se necessária uma desmistificação dessa tese do erotismo em Santa Teresa d'Ávila e a diferenciação entre a ordem dos erotismos.

A escrita teresiana: o erotismo disfarçado?

Quando o leitor se depara com os escritos de Santa Teresa, naturalmente há um genuíno espanto. Sua profundidade, escolha de palavras e o uso de termos bem específicos geram no interlocutor um sentimento de surpresa diante de seus textos. Expressões como “prazer”, “deleite”, “martírio saboroso”, “gozar em intervalos” e “voo suave deleitoso e sem ruído” (CÂMARA, 2021, p. 1142) certamente chocam tal leitor. Não obstante, Teresa exprimia suas concepções acerca da religiosidade e espiritualidade em uma linguagem sponsal, a qual a colocava na posição de esposa de Cristo, aquela que é conduzida pelo seu Amado às camadas superiores da vida espiritual, conseqüentemente, tal linguagem não desfigurava o intuito de sua obra. Contudo, através de algumas concepções literárias – limitadas a uma área que exclui minimamente o local de fala espiritual da mística de Teresa – tem-se algumas conclusões quanto ao teor de sua escrita.

De acordo com Yls Rabelo Câmara, em relação à escrita teresiana, há uma máxima de que a santa usava de elementos eróticos em seus textos:

Na falta de palavras que melhor e mais visceralmente traduzissem seus sentimentos mais profundamente vivenciados quando naqueles momentos de prazer supremo em presença de Cristo, passou a servir-se de uma linguagem rica em elementos que a tornaram extremamente erótica e sensual. (CÂMARA, 2021, p. 1139).

Continuando, Câmara identifica que há uma confusão no relacionamento entre o humano e divino, o sagrado e o profano, expressa nos escritos de Teresa de Jesus e de seus contemporâneos: “Ela queria Cristo: queria o Cristo-Deus, porém também queria o Cristo-Homem. Esperava dele o beijo divino, prometido no livro do **Cântico dos Cânticos**.” (GUTIÉRREZ, 2003, p. 129), o que, em sua concepção, é o suprassumo da confusão entre os amores e suas respectivas ordens e expressões.¹⁰ Segundo Câmara (2021, p. 1144):

Influenciada por esse livro bíblico em especial, o Cântico dos Cânticos, Teresa e outros santos místicos de seus arrabaldes e contemporâneos seus, que se dedicaram à poesia e à Literatura tal como ela, concretizaram uma escritura peculiar e que refletia o que pensavam: que estavam próximos a Deus e que devido a essa proximidade não necessitavam de intermediários entre eles e o Divino, a quem adoravam com absoluta paixão, mas que, muitas vezes, os confundia entre o *agape* e o *eros*.

Tal tese do erotismo¹¹ nas escrituras teresianas se sustenta na medida em que se observam as palavras e seus significados tidos como devassos, os quais a religiosa escolhe e utiliza em meio a essa confusão entre as ordens dos sentimentos dos homens para com o divino. Entretanto, partindo das premissas de Koselleck (2006), existe uma história dos conceitos, e deslocá-los no tempo e sem localizar toda a sua complexidade e especificidade torna-se um anacronismo no campo da história. No tocante aos escritos de Santa Teresa d'Ávila, e propondo um diálogo com o arcabouço teórico de Koselleck, observamos dois argumentos, os quais a tiram da posição de uma escritora erótica no sentido indecoroso, com o erotismo dos corpos ou o erotismo do coração, e fortalecendo-a no sentido divino com uma espécie de erotismo sagrado (BATAILLE, 1987). A primeira argumentação consiste na especificidade de suas concepções espirituais e o uso das palavras como conceito — junto da forma de expressão desse —, e a segunda é a diferenciação da ordem de tais palavras tão emblemáticas em sua escrita.

Sobre o primeiro argumento, partimos do pressuposto da diferenciação entre palavra e conceito. Compreendemos os conceitos como a delimitação e caracterização de um objeto específico determinando seu significado, já as palavras são a expressão dos conceitos, ora, se algum autor utiliza uma palavra como um conceito, toda sua caracterização depende do significado que tal indivíduo lhe atribui, no que tange sua escrita e sua tese, obviamente. Segundo Koselleck (2006, p. 104), “Ao longo

¹⁰ Ver concepções de Câmara (2011) acerca da citação de Gutiérrez.

¹¹ No sentido lato.

da investigação da história de um conceito, torna-se possível investigar também o espaço da experiência e o horizonte de expectativa associados a um determinado período, ao mesmo tempo em que se investiga também a função política e social desse mesmo conceito.” No caso da escrita teresiana, não são percebidas somente palavras, mas sim conceitos, os quais são instituídos pela doutora da Igreja a nível espiritual, constituindo seu campo de experiência e dialogando com as palavras escolhidas por ela. À procura de um exemplo e tomando como base as definições de Teresa quanto ao que é Oração de Quietude no Capítulo XXXI do livro **Caminho de perfeição** (ÁVILA, 2014), é notável e determinante o esforço da santa para conceituar tal oração, a qual entende como o ato de Deus se fazer presente para a alma, ou seja, uma oração que o Senhor começa e toma a condução da alma nesta matéria espiritual. Desse modo, o fiel experimenta “grandíssimo *deleite* no corpo e grande satisfação na alma.” (ÁVILA, 2014, p. 180). Suas potências são recolhidas e vivencia uma espécie de desfalecimento, e quem a criou, com gozo, permite-lhe experimentar esse momento que lhe dá um gosto da eternidade. Essas almas nesse estado de oração “estão no palácio, junto do Rei, e experimentam que sua Majestade já começa a lhes dar aqui seu reino.” (ÁVILA, 2014, p. 180).

Portanto, partindo da premissa do exemplo conceitual de Teresa, tais palavras ditas como “erotizadas” são partes estruturante de seus conceitos místicos, destarte, torna-se limitante analisá-las como fruto de uma sensualidade luxuriosa, a qual não pertence ao espaço de experiência¹² de Teresa de Jesus. Desse modo, a percepção a posteriori sobre essas palavras não fazem parte da mesma lógica significativa que a santa expressa. Ela utiliza tais conceitos dentro do seu espaço temporal e experimentável, o teor erótico e indecente não configura a exposição do seu pensamento, pelo contrário, a escritora repudia a percepção de tal escrita como algo devasso, como é possível perceber claramente em suas “Meditações” sobre o **Cântico dos Cânticos**:

Pareceros ha que hay algunas en estos Cánticos que se pudieran decir por otro estilo. Según es nuestra torpeza, no me espantaría. He oído a algunas personas decir que antes huían de oírlas. ¡Oh, vála-me Dios, qué gran miseria es la nuestra!, que como las cosas emponzoñosas, que cuanto comen se vuelve en ponzoña, así nos acaece, que de mercedes tan grandes como aquí nos hace el Señor en dar a entender lo que tiene el alma que le ama y animarla para que pueda hablar y regalarle con Su Majestad, hemos de sacar miedos y dar sentidos conforme al poco sentido del amor de Dios que se tiene. (ÁVILA, 1979 apud RAYMUNDO, 2017, p. 84)¹³.

¹² Conceituação postulada por Koselleck — junto do horizonte de expectativas — como categorias do conhecimento capazes de fundamentar a possibilidade de uma história. As possibilidades de história são construídas na medida que a experiência vivida — dentro da historicidade do sujeito, a qual permite tal experiência específica — gera um horizonte de expectativas, que quando não alcançado, possibilita uma análise do futuro passado, o qual não aconteceu e permaneceu na ideia da expectativa não concretizada. Ver KOSELLECK, Reinhart. (2006), *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-RJ. p. 306

¹³ “Parece-vos que há algumas nesses Cânticos que poderiam ser ditas em outro estilo. Considerando a nossa vileza, eu

A partir da discussão recém apresentada e dessa citação de Teresa, torna-se possível o debate acerca do segundo argumento referente à ordem das palavras. No que tange à diferença entre a ordem das narrativas e suas percepções, Santa Teresa publicamente declara o repúdio à torpeza, uma aversão a esta miséria humana de enxergar baixa nos escritos do **Cântico dos Cânticos**, uma vez que Deus expressa seu amor de diversas formas, inclusive dessa maneira sponsal. Contudo, sempre se trata do amor *agape*, e por limitação humana, os homens não conseguem chegar ao Amado por meio deste amor, ficando restringidos ao amor *philos*¹⁴, sendo, por vezes, tão miseráveis, de acordo com a santa que, em meio à incompreensão, enxergam um amor *eros* principalmente nesses escritos, o qual é uma impureza para a religiosa.

Para Teresa, por vezes, há uma confusão de estilos e, conseqüentemente, de ordens, quando o interlocutor confronta a escritura. O estilo da narrativa sponsal em questão é essencialmente divino, sendo caracterizado pelo amor entre criador e criatura, um afeto de ordem celestial. Contudo, a percepção humana sobre tais escritos é manchada pela indecência, compreendendo a escrita como um texto de ordem humana e de um estilo erótico e pecaminoso, uma vez que o diálogo entre o sagrado e o profano é uma condição ontológica das religiões (ELIADE, 1992). Conseqüentemente, a religiosa condena a concepção sensualizada e impura sobre essas palavras, justificando o uso delas em sua escrita por sua ordem divina, porque o próprio Deus as utiliza.

Tal escrita é muito característica dos místicos como uma maneira específica de expressar o seu diálogo com o seu Deus. Por vezes, as sensações são transmitidas para o campo empírico e o corpo participa desse diálogo e, na tentativa de transpor esses momentos em seus tratados espirituais, os místicos recorrem à esta linguagem própria. Portanto, é justo afirmar que, há sim o uso de palavras que, a posteriori, são frutos de um erotismo como bem especifica Câmara (2020), pois seu estilo literário se confunde com a sensualidade erótica. Porém, no uso de Santa Teresa, tais palavras cumprem um papel conceitual de expressão do extraordinário (sobrenatural e sagrado) no ordinário (natural e profano). Os desfalecimentos, gozos, deleites e as rápidas mortes são expressões espirituais (eróticas sagradas) e não eróticas somente limitadas ao âmbito profano dentro do seu arcabouço

não me espantaria. Já ouvi algumas pessoas dizerem que costumavam fugir de ouvi-las. Oh, meu Deus, que grande miséria é a nossa!, que como as coisas venenosas, que o que comem se torna veneno, assim nos acontece, que com tantos favores como aqui o Senhor nos dá em nos fazer entender o que a alma que o ama tem e animá-la para que fale e se deleite com Sua Majestade, temos que afastar medos e dar sentidos de acordo com o pouco sentido do amor de Deus que se tem.” (Tradução nossa).

¹⁴ Ver Jo 21, 15. Passagem bíblica que retrata a diferença entre os amores na flexão do verbo *ἀγαπάω* (*agapáo*), o qual Jesus utiliza para perguntar para o discípulo Pedro se o ama desta forma, e *φιλέω* (*filéo*), que o apóstolo usa para responder Cristo. Observa-se a miséria humana em não alcançar o amor perfeito *ágape* com Deus se limitando ao amor *filia*.

lexical e conceitual. Desta forma, torna-se errôneo — ao parecer historiográfico — caracterizar sua escrita como inteiramente erótica e lasciva, pois ela é essencialmente de outra ordem. Certamente, o uso do "erotismo" em Santa Teresa d'Ávila exclui o sentido lato desse conceito relacionado aos prazeres luxuriosos e aproxima-se do âmbito religioso, materializando-se no que Bataille (1987) chama de erotismo sagrado, que é o impulso dos sentidos em busca de uma continuidade profunda na eternidade de Deus e no gozo em sua presença. A poetisa Teresa utiliza de palavras sensuais como expressão do religioso no humano, o amor *eros*, direcionado ao campo da luxúria, sendo indecente e impuro, não é relevante para a carmelita, ainda que em sua escrita transpareça esse estilo: “a santa afasta-se com terror do sensual: ela ignora a unidade das paixões inconfessáveis deste último com as suas” (BATAILLE, 1987, p. 7). Direciona, assim, as potências e os impulsos desse amor ao âmbito divino, naturalmente mudando da ordem terrena para a religiosa e espiritual, sendo, acima de tudo, uma ordem casta.

Considerações finais

A partir das discussões apresentadas neste trabalho, observamos que a linguagem esponsal utilizada por Teresa é a maior característica de seus textos, uma vez que ela cria a identidade de esposa de Cristo, ensina para as monjas tal padrão de vida e coloca-se nesta posição em seus escritos. Consequentemente, esta linguagem esponsal específica gera uma possível confusão de termos e de ordens na narrativa, entre o místico e o erótico. Contudo, à luz de Bataille (1987), a santa direciona seus impulsos humanos e descontínuos na continuidade eterna de Deus, ela transforma a ordem deste amor Eros em um Erotismo Sagrado, toda impulsão e vontade contentando-se no gozo de Deus.

Portanto, faz-se necessária esta diferenciação ao se tratar da escrita teresiana para não a confundir como uma narrativa dotada de impureza erótica e sensual. Obviamente, compreender o diálogo entre mística e erotismo é uma premissa básica para todo pesquisador, entretanto, diferenciar as ordens de tais palavras é simultaneamente tão importante quanto estabelecer proposições de análises. Esta pesquisa buscou compreender esse diálogo, instrumentalizando as contribuições de Santa Teresa e diferenciando — e afastando — sua escrita das associações impuras, desmistificando algumas confusões e percepções sociais atuais.

Em suma, Santa Teresa d'Ávila, representa um novo expoente na literatura e história da mística religiosa. Através de Teresa, a relação entre o sagrado e o erotismo acabou sendo bem explorada, obviamente evidenciando a sua ordem divina. A doutora mística da Igreja Católica é, sem dúvida, uma das maiores personagens femininas na história eclesiástica, sendo responsável por

estruturar uma espiritualidade que foi até mesmo materializada no Catecismo da Igreja Católica (2000). Reconhecendo-se a grandeza de sua obra, esperamos ter contribuído com as pesquisas sobre essa temática, com a certeza de que novos trabalhos poderão e deverão ser feitos nos espaços acadêmicos em prol de uma nova análise acerca das questões fomentadas por Santa Teresa de Jesus em seus escritos.

Referências

- ÁVILA, Santa Teresa de. **Caminho de perfeição**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ÁVILA, Santa Teresa de. **Livro da vida**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ALCÂNTARA, São Pedro. **Tratado da oração e da meditação**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- CÂMARA, Yls Rabelo. Entre o sacro e o profano, entre o gozo e o interdito: a polêmica, prolífica e profícua Santa Teresa de Ávila. **Revista Caracol**, n. 21, 2021, p. 1120-1147.
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- CAVALINI, Santuza Fernandes S.; TELLES, Silvia Regina A. **O gozo místico: uma face do gozo feminino**. São Paulo: Biblioteca Virtual do Instituto VOX de Pesquisa em Psicanálise, 2016.
- CECHINEL, Francilene Maria Ribeiro Alves. Entre corpo e espírito: o livro da vida, de Santa Teresa D'Ávila. **Litterata**, v. 3, n. 2, 2015, p. 10-21.
- CERTEAU, Michel de. **A fábula mística séculos XVI e XVII: v. 1**. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- CERTEAU, Michel de. **A fábula mística séculos XVI e XVII: vol. 2**. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GOURMONT, Remy de. **Santo Tomás de Aquino como poeta**. Rosário: Universidad del Rosario, 1917.
- GUTIÉRREZ, Jorge Luís Rodrigues. A filosofia mística de Teresa de Ávila. **Revista Caminhando**, v. 8, n.1, 2003, p. 127-157.
- IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. O êxtase de Santa Teresa, Gianlorenzo Bernini. **História das Artes**, 2022. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/extase-de-santa-teresa/>. Acesso em: 3 ago. 2022.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: Mais ainda (1972-73)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MAY, Rollo. **Eros e repressão (amor e vontade)**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RAYMUNDO, Larissa de Macedo. Tradução do Prólogo e Capítulo I da obra ‘Meditações sobre os Cânticos’, de Teresa de Jesus. **A Palo Seco** - Escritos de Filosofia e Literatura, n. 9, 2017. p. 79-92.

RODRIGUES, André Cássio dos Santos. **Manifestaciones místico-amorosas en poesías de Santa Teresa d’Ávila**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.

**Teresian writing, the spousal soul and the beloved:
notes on mystical concepts and dissonance with erotic impurity**

Abstract: This research aims to discuss the Teresian narrative, the consolidation of her mystical concepts along with the use of specific words that characterize her writing. Saint Teresa of Avila constituted through her works a new way of relating to the divine through mysticism. The nun structures a spousal language making use of very characteristic terms in her writing to systematize her mystical concepts, which, at times, are confused with a narrative endowed with a certain eroticism, an issue that will be discussed throughout the text. Thus, this article seeks to analyze Teresian writing with the consolidation of a spousal language and discuss the dissonance of this religious writing with an erotic and impure writing.

Keywords: Erotismo. Experiencia mística. Lenguaje conyugal. Saint Teresa of Avila.

Recebido em: 12/11/22 – Aceito em: 13/02/2023